

D. Pedro II: influências de um mecenas tradutor na construção de um nacionalismo literário

ROSANE DE SOUZA

Doutoranda do programa de Estudos da Tradução/Universidade Federal de Santa Catarina.
e-mail: rosanemay@hotmail.com

Resumo: Este trabalho visa discutir o papel de D. Pedro II na formação da literatura nacional no século XIX, seu mecenato e as relações estabelecidas por ele com os intelectuais do período. Busca ainda apresentar o trabalho intelectual realizado pelo imperador, que via na tradução uma forma de enriquecimento cultural.

Palavras-chave: mecenato; D. Pedro II; literatura brasileira

Abstract: This paper discusses the role of D. Pedro II in the formation of national literature in the nineteenth century, his patronage and the relationships he established with the intellectuals of the period. It also seeks to present the intellectual work made by the emperor that saw the translation as a form of cultural enrichment.

Keywords: Maecenas; D. Pedro II; Brazilian literature

1. Introdução

O nacionalismo artístico no Brasil é fruto de condições históricas, surgiu nos povos desprovidos de autonomia ou unidade, tanto nos povos velhos como nos novos que adquiriram autoconsciência. O momento foi de valorização de uma cultura local, das crenças e tradições de um povo. Além disso, seu caráter era patriótico, e os escritores viam em sua produção artística uma forma de contribuir para o progresso nacional. Dessa forma, a literatura e os responsáveis por ela tinham plena consciência da sua importância para o movimento de construção da nação brasileira. E, naturalmente, o chefe da nação naquele período esteve diretamente ligado a esse movimento, visto que em vários momentos ele dizia: “Nasci para as letras e as ciências”¹.

Segundo Candido (1975), só é possível falar de uma literatura nacional a partir do momento em que se adquire consciência da transformação e se pratica esse movimento intencionalmente. Para ele, os responsáveis por esse passo foram um grupo de estudantes que se encontrava em Paris no século XIX.

Esse grupo de jovens era formado por Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel Araújo Porto Alegre, Francisco de Sales Torres Homem, João Manuel Pereira da Silva e Cândido de Azeredo Coutinho. Sob a liderança do primeiro, reuniam-se em Paris nos anos de 1833 a 1836 para estudos e lá tomaram contato com as novas tendências literárias que para eles deveriam definir a nova literatura no Brasil. No retorno ao

¹ Diário do Imperador: 31 de dezembro de 1861. *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1891* (org. Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999).

país encontraram na figura de D. Pedro II o apoio necessário para pôr em prática as suas ideias.

O jovem imperador, a partir da década de 40, torna-se uma espécie de mecenas das artes. Com a intenção de dar autonomia cultural ao país, ele passa então a se reunir com um grupo de românticos brasileiros, e juntos, logo elegem como sede das reuniões o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), instituição fundada em 1838 nos moldes do Instituto Histórico de Paris, fundado em 1834, por Debret² e Monglave.

A partir dos anos 50, o grupo torna o IHGB um centro de estudos bastante ativo. Inicialmente composto em sua maioria por nobres da corte e alguns literatos selecionados, os membros do IHGB se reuniam aos domingos para discutir temas já escolhidos com o objetivo de formar uma história do Brasil. Com a presença do imperador, a instituição se firma como um importante centro de difusão da cultura nacional, tornando-se um porto seguro para as experiências do jovem monarca, que passa também a financiá-lo e frequentá-lo assiduamente. O incentivo financeiro estende-se para músicos, poetas, pintores, cientistas, visando a unificação nacional e a unificação cultural do país (SCHWARCZ, 1998).

Antes da volta do grupo de românticos da Europa para o Brasil, estes realizaram em 1834 uma comunicação no Instituto Histórico de Paris em que debatiam sobre o estado da cultura brasileira. Magalhães tratou de literatura, Carlos Homem de ciência, e Porto Alegre, das artes, e o trabalho foi publicado posteriormente na revista daquele instituto. No entanto, o passo decisivo para o romantismo no Brasil foi a publicação da revista *Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, que trazia como epígrafe “Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”. Com o apoio de Monglave, a revista foi divulgada no mundo culto da França, e o primeiro passo para o Romantismo no Brasil estava dado (CANDIDO, 1975).

Como mostra a publicação da revista *Niterói*, os autores românticos viam na sua produção literária um símbolo de patriotismo que tinha como objetivo contribuir para a grandeza da nação e para o progresso. E como aponta Candido (1975), o número de artigos referentes às ciências e a questões econômicas era bem maior que o número de textos literários. Para o autor, isso ocorre porque os intelectuais do período tinham o mesmo fervor tanto no culto à ciência quanto nas artes, buscando “construir uma vida intelectual na sua totalidade” (CANDIDO, 1975, p. 11).

Compartilhando o mesmo fervor desses intelectuais, D. Pedro II legitimava sua imagem de governante como mecenas das artes, literatura e ciência. O imperador buscava, por meio do crescimento intelectual e científico, o progresso do país. Para isso convidou geólogos, cientistas, artistas para trabalhar no país; permitiu em 1864 a primeira concessão para explorar petróleo no Brasil e criou a escola de Minas de Ouro Preto em 1876, tendo como primeiro diretor Henri Claude Gorceix³. Com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos e, dessa forma auxiliar no desenvolvimento do país, o imperador não só buscava trazer pessoas capazes de contribuir, mas ele próprio ia em

² Sobre Debret no Brasil, ver <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=688>

³ O francês aceita o convite de D. Pedro II para fundar uma escola de minas no Brasil, graças à indicação de Daubré, Diretor da Escola de Minas de Paris. Em fins de 1874 chega ao Brasil com a missão de fundar a Escola de Minas. Além de fundador da Escola de Minas e seu primeiro diretor, Gorceix foi professor de Mineralogia, Geologia, Física e Química, exonerando-se de seus cargos, a pedido, em 14 de outubro de 1891. A seguir, retornou à França e, em 1896, volta ao Brasil, a convite do Governo de Minas, a fim de organizar o Ensino Agrícola no Estado. <http://www.em.ufop.br/em/diretores/gorceix.php>. 10/01/2012.

busca desses conhecimentos através de correspondências com diversos intelectuais, como Manzoni, Pasteur, Victor Hugo, Gobineau, entre outros. Distintas áreas entraram no rol de interesse imperial, como geografia, geologia, astronomia, minerologia, engenharia e línguas.

De maneira mais intensa, o estudo de línguas absorveu grande parte da vida do imperador. O gosto pelo estudo de línguas teve início na infância quando o “pupilo da nação” preparava-se para ocupar o cargo de chefe de estado. Entre as línguas que figuravam nessa primeira fase estavam o inglês e o francês; logo após figuraram o alemão, o italiano e o espanhol. Já em 1875, o monarca iniciou os estudos das línguas orientais como o árabe, o hebraico e o sânscrito. Segundo Holanda (2010), a disposição para as aulas era tamanha que mesmo nas viagens seus mestres o acompanhavam. Um depoimento da princesa Teresa da Baviera, que esteve no Brasil pouco antes da queda da monarquia, diz que D. Pedro II dominava quatorze línguas. Durante sua estada no país, ela o viu traduzir textos do árabe e textos difíceis do hebraico e, em outros momentos, os dois discutiram sobre literatura alemã. Para Holanda (2010), as afirmações da princesa precisam ser avaliadas moderadamente, pois necessitaria saber o nível de conhecimento linguístico dela para então verificar suas avaliações a respeito do imperador. Entretanto, Carvalho (2007) discorre sobre a memória prodigiosa de D. Pedro II, que lhe permitia lembrar tudo o que lia.

O imperador, como leitor assíduo que era, conhecia grande parte das obras que eram publicadas no século XIX e as lia na língua original. Parecia seguir o pensamento de Renan, que dizia que todo homem deve conhecer literariamente duas línguas, o latim e a sua, mas devia compreender todas as demais que fossem necessárias a sua instrução e aos seus negócios (LYRA, 1977). Talvez por esse motivo o imperador tenha estudado línguas como sânscrito, hebraico, árabe, tupi-guarani, provençal, italiano, francês, espanhol, alemão, inglês. Além de dedicar-se ao estudo desses idiomas, o monarca traduziu textos em muitas dessas línguas, tornando-se pioneiro em muitas traduções do período.

2. D. Pedro II e os românticos

O romantismo no Brasil foi uma ramificação do movimento europeu, porém aqui uma mistura das influências externas com as tendências locais tornou o movimento ao mesmo tempo nacional e universal. O movimento romântico esteve ligado em toda Europa às tradições nacionais e ao culto da história, sendo chamado de o “despertar das nacionalidades”. Aconteceu de forma mais intensa nos países novos e nos que buscaram a independência. Dessa forma, os românticos buscaram descrever os costumes, as paisagens, fatos e sentimentos carregados de sentido nacional para se desvincular da literatura clássica e universal.

No Brasil, a descrição da imagem local esteve vinculada à figura do indígena. Mesmo se conhecendo muito pouco a respeito dessa figura, fervilhavam romances épicos que tinham como heróis chefes indígenas e florestas virgens como paisagens. Passa-se a estimar os antigos dicionários dos jesuítas de línguas nativas, que possibilitavam a escolha de termos indígenas para as poesias (SCHWARCZ, 1998). Segundo Schwarcz (1998), o próprio imperador inicia seus estudos da língua tupi e do guarani, talvez para liderar o movimento romântico. Mesmo havendo questionamentos sobre essa habilidade do monarca, o fato é que há registros da Guerra do Paraguai que relatam a conversa que ocorreu entre o imperador e um prisioneiro paraguaio.

Dentre os temas nacionais, o indígena assume então a forma mais lídima da literatura nacional. Seu momento áureo ocorreu nas décadas de 40 e 60, tendo como representantes mais consagrados Gonçalves Dias e José de Alencar. No entanto, é Gonçalves de Magalhães quem fica incumbido de escrever o maior épico nacional, que de certa forma foi uma retomada do modelo do “bom selvagem” de Rousseau. Com o apoio do imperador, Magalhães publica *A Confederação dos Tamoios* (1856), acreditando que era possível construir um mito nacional de fundação. A obra narra a história da brava nação Tamoio, que luta pela liberdade contra os agressores portugueses. O livro foi dedicado ao imperador e, mesmo sendo considerado fraco literariamente, ganhou importância devido ao seu vínculo institucional (SCHWARCZ, 1998).

A crítica ao livro feita por José de Alencar é rebatida por D. Pedro II no *Jornal do Commercio*. Alencar afirmava que “o indígena da *Confederação* poderia figurar em um romance árabe, chinês ou europeu” (SCHWARCZ, 1998, p. 134). Em carta ao conselheiro Saraiva, o monarca escreve: “eu não abandono posição de defensor e elogiador [...] talvez seja ocasião de uma pena florida escrever algumas poesias fazendo realçar as belezas da *Confederação* [...] Quanto a ele (Alencar), ou se entra no grupo, ou se está fora [...]” (SCHWARCZ, 1998 *apud* SARAIVA [IHGB]). É através de carta também que D. Pedro II pede a Alexandre Herculano uma opinião sobre a obra de Magalhães, e ele por sua vez responde:

Duvido, e muito, de que nesta nossa época o poema épico seja possível na Europa, e ainda mais que o seja na América. [...] Entre o povo brasileiro e os aborígenes do Brasil falta a identidade de sangue, de língua, de religião, de costumes, falta tudo o que constitue a unidade nacional na sucessão dos tempos. Há outras cousas que os homens de engenho, os verdadeiros poetas do Brasil, como é o auctor dos *Tamoyos*, tinham que fazer para ilustrar o seu paiz engrandecendo-o com monumentos litterarios, que anulassem os do mundo antigo. Seria uma dellas recolher as tradições, as reliquias poéticas das tribus indias. Não há povo bárbaro e primitivo, talvez, que não tenha a sua poesia, e essa poesia é por via de regra cheia de vida e singeleza. [...] já de antemão prevenido para não esperar uma verdadeira epopéa na *Confederação do Tamoyos* [...]. Obedeci e fui sincero. [...] Resulta d’aqui o direito para mim, o de supplicar a V.I.M. que esta carta não chegue à noticia do auctor dos *Tamoyos*. Elle não me pediu o meu parecer, e eu não tenho o direito de o incomodar. [...] esquecer os defeitos para fazer sobresahir o merecimento do poema, porque era uma homenagem ao nobre empenho que o auctor teve de dar um livro importante ao seu paiz (HERCULANO, 1856, p. 201-15, *apud* RAEDERS, 1944).

Gonçalves Dias, solicitado também pelo imperador para analisar a obra, é sincero e afirma:

O que me parece é que o autor dos “Suspiros” não tinha dado direito a esperar mais do que elle com seu poema nos offereceu (1) [sublinhado da mão do Imperador]. [...] Achei a versificação frouxa, de quando em quando imagens pouco felizes, a linguagem por vezes menos grave, menos propria de tal genero de composições, e o que entre esses não é para mim defeito, o tamoyo não tem muito de real nem de ideal (1). [...] eu tratava de defender o nosso poeta [...] quando se aprecie o seu merecimento em geral [...]

(DIAS, 1856, p. 216-20, *apud* RAEDERS, 1944).

Mesmo não sendo favorável ao poema, Gonçalves Dias continuou sendo um

dos protegidos do monarca. José de Alencar, no entanto, tornou-se seu oponente, até mesmo em questões políticas, visto que Alencar era ministro da justiça, e em 1869, fora vetado pelo imperador para uma vaga ao Senado. D. Pedro II teria dito, ao ser informado da morte de Alencar: “É homem de valor, mas muito malcriado” (LYRA, 1977, p. 273). Essa frase, segundo Lyra, tem pouca probabilidade de ter sido dita pelo imperador. Para ele, conforme informações de Tobias Monteiro, o imperador teria dito: “Era homem de grande valor e de grandes méritos, mas excessivamente susceptível” (1977, p. 272).

Gonçalves Dias é considerado o grande autor romântico brasileiro, responsável por criar uma poética dedicada à formação do país. O romance de Gonçalves Dias traz a figura do índio como modelo de honra a ser seguido. Foi nesse período, nos decênios de 50 e 60, que desponta no Brasil a manifestação considerada a mais genuinamente nacional: o indianismo.

Desavenças entre o monarca e José de Alencar à parte, este é responsável por um dos romances mais conhecidos do período: *Iracema*, que já no título incorporava o anagrama de América. Para Alencar, o conhecimento da língua indígena era o melhor critério para a nacionalidade da literatura, e suas obras apresentavam esse conhecimento da natureza, da linguagem e dos costumes indígenas. Há ainda os romances *Ubirajara* e o *Guarani*, este último publicado em 1857. Anos mais tarde, sob o patrocínio de D. Pedro II, Carlos Gomes compõe a ópera *O Guarani*, inspirada no romance de Alencar. A ópera é apresentada no Scala de Milão, tendo boa aceitação do público (SCHWARCZ, 1998).

Como menciona Lilia Schwarcz (1998, p. 139) “o romantismo no Brasil não foi só um projeto estético, mas também um movimento cultural e político, profundamente ligado ao nacionalismo”. Origina-se na elite carioca, que se associa à monarquia e busca a emancipação cultural. Segundo Candido (1975), há afirmações, como a de Capistrano de Abreu, de que o romantismo refletia uma tendência popular, manifesta no folclore de identificar o índio aos sentimentos nativistas. Porém, tanto Candido quanto Schwarcz veem o movimento como provindo de fonte erudita, palaciana e voltada para uma mera estetização da natureza local.

Os indianistas brasileiros, mesmo sendo criticados por historiadores como Varnhagen, acabam impondo o indígena romântico como símbolo nacional. Faziam da literatura um exercício de patriotismo, sendo o índio representado como ser ideal, nobre, puro e heroico. Em resposta a essas críticas, Magalhães responde:

Nós que somos brasileiros, porque no Brasil nascemos, qualquer que seja a nossa origem indígena, portuguesa, holandesa ou alemã, fazemos causa comum com os que aqui nasceram antes de nós e consideramos como estrangeiros os mais homens. Assim fazem todos os homens a respeito de seus compatriotas. [...] A Pátria é uma idéia, representada pela terra em que nascemos. Quanto à origem das raças humanas, isso é questão de história, pela qual não se regula o patriotismo. De resto, o herói de um poema é um pretexto, uma regra d’arte para a unidade da nação (MAGALHÃES, 1864, p. 353, *apud* SCHWARCZ, 1998, p. 140).

Como resume Schwarcz (1998), entre palmeiras e abacaxis e demais frutas brasileiras, toma forma o projeto romântico de representação política do Estado durante o longo reinado de D. Pedro II. O monarca é responsável por tornar original o movimento, sobretudo por misturar os elementos locais com o estrangeiro. A Ordem do Cruzei-

ro do Sul, a coroa de estrelas, os ramos de tabaco e café, a coroa de louros, a murça de penas de galo-da-serra e depois de papo de tucano, a medalha de Paissandu eram símbolos de uma identidade que se firmava como própria, como brasileira. Essa identidade também tomou força com as obras nacionais produzidas e que de certa forma tiveram, ou por oposição ou por aproximação, influência da literatura estrangeira traduzida, atividade esta que fez parte dos trabalhos da maioria dos envolvidos no projeto nacional, sobretudo nas atividades literárias de D. Pedro II.

3. O tradutor e suas mil e uma traduções

D. Pedro II realizou uma série de traduções, algumas das quais se encontram arquivadas. Em termos de obras verdadeira e devidamente publicadas, somam-se tão somente três, a saber:

- 1) *Prometeu Acorrentado, de Ésquilo* (original de *Eschylo*) traduzido para o português por ele mesmo, na condição de Imperador do Brasil (cf. Bibliografia: Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907);
- 2) *Poesias* (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II [S.M. = Sua Majestade], sendo este uma homenagem de seus netos (cf. Bibliografia: Petrópolis: Typographia do “Correio Imperial”, 1889);
- 3) *Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin* que foi impressa no exterior, em Avignon em 1891.

No livro *Poesias* (originais e traduções), encontra-se uma boa parte das traduções de poesias realizadas por D. Pedro II. Vejamos:

1. Episódio do Conde Ugolino - *Divina Comédia*, de Dante
2. Episódio de Francisca de Rimini - *Divina Comédia*, de Dante
3. Cinco de Maio - Manzoni
4. A Canção dos Latinos - Leonida Olivari (provençal) traduzida do Italiano.
5. Aloys Blondel - François Coppée
6. Soneto - Félix Anvers
7. A Passiflora - Condessa de Chambrum
8. Soneto - D. Mon
9. Soneto a Coquelin - Jean Richepin
10. Soneto - Sully Prudhomme
11. Soneto - Sully Prudhomme
12. O Magistrado - Sr. Rigaud
13. A Terra Natal - Sr. Rigaud
14. Soneto - general Carnot
15. O Beija-Flor - Leconte de L'Isle
16. La Mignarda - Rigaud
17. O Adeus - (jornal da Ilustração - 1887)
18. Soneto - Helena Vacaresco
19. Cantiga de Nadaud
20. O Bezouro - Nadaud
21. Versos de Gustavo Nadaud
22. A borboleta e a flor - Victor Hugo

23. Estancias – Alfredo Theulot – 1888
24. O Choro duma alma Perdida – John Whitier
25. Poema a Chapelle e Bachaumont
26. O Canto do Siciliano: O Rei Roberto da Sicília – Longfellow
27. Versos de Ernesto Heller – a morte do poeta Drammor
28. Aos Mortos de Sahati – Luiz Nobrega
29. Miserere – PSalmo L – canto religioso
30. Oh Salutaris hostia – canto religioso
31. Panis Angelicus – canto religioso
32. Ave, verum – canto religioso
33. Pange lingua – canto religioso
34. Vexilla Regis – canto religioso
35. Stabat mater – canto religioso.

A tradução do *Livro de Daniel*, segundo Besouchet (1993), tem início em 28 de maio de 1870, um ano antes de sua primeira viagem ao exterior, e é durante esse período que D. Pedro realiza uma cópia dessa tradução.

Vários títulos de suas traduções são citados por D. Pedro II no seu diário. Na sua viagem ao Oriente, ele relata que, ao sentar-se perto do arroio Dhirani, continuou a tradução dos *Atos dos Apóstolos*: “18 de novembro de 1876: [...] Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning ambos nós sentados perto do arroio Dhirani”.

D. Pedro II diz ter realizado praticamente quase toda a tradução da Bíblia, e lamenta que esse material tenha ficado no Brasil no momento da partida para o exílio. No diário há referências sobre a tradução do *Livro de Ruth*⁴, de *Isaiás* (6 de novembro de 1891 (6a fa.) vol. 42). O monarca relata ainda que acaba “a lição de hebraico e só me falta traduzir um capítulo de *Isaiás*, para principiar a traduzir os livros históricos e assim completar toda a versão da Bíblia” (Paris 12 de julho [sic] [novembro] de 1891 (5a fa.) vol. 43). E em 18 de novembro “terminei *Isaiás* e traduzirei agora os livros históricos”.

As notas sobre a *Odisseia* aparecem a partir de 1890. Em 22 de janeiro daquele ano, D. Pedro II relata que “[...] Ainda traduzi a *Odisseia* e li provas da arte guarani de Restivo com o Seibold [...]”. Há notas sobre o andamento dessa tradução até 9 de setembro do mesmo ano, quando o imperador afirma estar realizando uma comparação com a tradução feita por Odorico Mendes.

Já sobre a tradução de Schiller, aparecem as primeiras anotações em 29 de julho de 1890: “[...] Deu-me vontade de traduzir a balada de Schiller [...]”; a partir dessa data seguem-se anotações diárias demonstrando que D. Pedro estava realizando a tradução. E em 14 de agosto de 1890 ele registra: “[...] Parece querer chover. Vou ao Schiller. 3h ¼ Estive às voltas com a cópia da tradução do Schiller [...]”, sendo que é possível supor que ele já tenha finalizado a tradução. O imperador segue relatando que está às voltas com a cópia de sua tradução de *O Sino*, de Schiller. Em 18 de agosto ele escreve: “1h ½ Estive corrigindo a cópia de minha tradução de Schiller com a Japurinha e quase terminei”. Essa tradução foi ofertada por D. Pedro II à princesa da Baviera e à Condessa de Barral: “[...] Depois da ducha dei bom passeio e acabo de escrever à condessa enviando-lhe minha tradução de *O Sino* de Schiller [...]” (Diário, 25 de agosto de 1890).

⁴ Cardoso de Menezes (Barão de Paranapiacaba) diz ter recebido um exemplar de presente do imperador da tradução do livro de *Ruth*, realizado do hebraico para o latim (TAUNAY, 1932, p. 86).

Sobre a obra *Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin* (1891), há uma carta datada de 22 de abril de 1914, de Albino Costa ao Barão Múcio Teixeira, que expõe com muitos detalhes a tradução realizada por D. Pedro II. Segundo o Sr. Albino Costa, os arquivos do Conde de Mota Maia possuem muitos “autógrafos de S. Majestade” com poesias inéditas. Ele prossegue com um relato muito interessante das primordiais descendências de D. Pedro II desde o ano de 1246, que tem o intuito de apontar a língua na qual o imperador traduziu o ritual israelita, idioma este trazido pelo Conde de Bolonha (1246) para a corte portuguesa, iniciando o uso da “bela língua provençal nos saraus da corte lusitana”. Indo o Conde além, rompeu com a Igreja (bígamo, foi excomungado) e aboliu o latim dos documentos oficiais, surgindo assim o que temos hoje como língua portuguesa, que tem uma mescla do gracioso dialeto de “Avinhão”, de Tolosa e da Gasconha. Na análise do Sr. Albino Costa, o monarca verteu maravilhosamente bem do rito hebraico para a língua francesa, pois ele conseguiu reproduzir os versos cantados de seis sílabas para decassílabos com o “mesmo rythmo e técnica da lyrica luso-provençal do século XIII” (COSTA, 1914 *apud* TEIXEIRA, 1917, p. 240). Nesta obra, há uma introdução e notas que ocupam 13 páginas. Nela, D. Pedro II informa também como iniciou seus estudos nessa língua, e a exemplo do Sr. Albino segue, “na própria língua em que elle escreveu”:

Quanto ao histórico de meus estudos do hebreu, realizados com o objetivo de conhecer melhor a história da literatura dos Hebreus, principalmente a poesia e os profetas, bem como as origens do cristianismo, eles remontam aos anos de paz antes da guerra do Paraguai, em 1865⁵ (TEIXEIRA, 1917, p. 212).

Com relação à tradução do poema *Granada* de Zorrilla, há algumas notas do monarca em seu diário. Segundo D. Pedro, sua tradução estava já quase finalizada quando ele foi obrigado a deixar o país. Ele diz que o primeiro volume da tradução já estava copiado e o segundo estava em andamento. Fala ainda em ter enviado alguns trechos de sua tradução ao próprio autor – Zorrilla (*Diário do Imperador*, vol. 29, 11 de janeiro de 1890).

A tradução de Dante realizada por D. Pedro II, segundo o pesquisador Romeu Porto Daros⁶, pode estar entre as quatro primeiras traduções do escritor italiano realizadas no Brasil. Por ser um texto de forte crítica ao comportamento social, político e religioso, talvez tais características tenham motivado a escolha do texto a ser traduzido. Segundo o pesquisador, D. Pedro II optou por duas das histórias mais celebradas da *Divina Comédia*: a história de amor de Francesca da Rimini, canto V do “Inferno”, vv. 73-142, e a terrível morte do Conde Ugolino e seus filhos, canto XXXIII do “Inferno”, vv. 1-90.

⁵ *Quant à l'historique de mes études de l'hebreu, entreprises dans le but de connaitre mieux l'histoire et la littérature des Hebreus, principalement la poésie et les prophètes, comme aussi les origines du christianisme, elles remontent aux années de paix avant la guerre du Paraguay, em 1865 [...]. Tradução nossa.*

⁶ O pesquisador investiga o processo criativo de D. Pedro II na tradução de Dante em sua dissertação intitulada *O imperador tradutor: o processo criativo na tradução do episódio de “Francesca da Rimini” por Dom Pedro II*, realizada no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Referente aos textos da literatura italiana traduzidos por D. Pedro II, temos ainda textos do escritor Alessandro Manzoni. Desse autor, o monarca optou pelos textos *Cinco de Maio*, *L'Adelchi* e *Il Conte di Carmagnola*. A tradução do *Cinco de Maio* tem início em 1853, como comprova a carta⁷ destinada a Manzoni, na qual realiza-se uma interessante discussão sobre a tradução desse poema. As análises dessas traduções ainda estão em processo de desenvolvimento. Com relação à *L'Adelchi* e *Il Conte di Carmagnola*, textos ainda não editados, estes encontram-se em processo de análise por alunos do grupo de pesquisa NUPROC⁸.

D. Pedro também se ocupou de traduções do espanhol. *La Araucana*, obra traduzida parcialmente pelo monarca, é um poema épico que fala sobre a Guerra de Arauco entre espanhóis e mapuches. De autoria de Alonso de Ercilla, pajem da corte de Felipe II que tinha um conhecimento maior que a maioria dos conquistadores que foram enviados ao Chile, a obra apresenta um relato em forma de poema sobre essa guerra. Essa tradução ainda inédita do monarca faz parte do trabalho intitulado *Dom Pedro II tradutor: excertos de La Araucana*, realizado pela pesquisadora Ana Sackl, também do núcleo de pesquisas da UFSC (NUPROC).

Em se tratando de literatura oriental, temos uma tradução do sânscrito realizada pelo imperador. Trata-se do livro do *Hitopadeśa*, um dos textos mais populares da literatura hindu depois da *Bhagavad Gita*. Etimologicamente, o termo *Hitopadeśa* provém da junção de dois radicais: *Hita* (útil, proveitoso) e *Upadeśa* (instrução, conselho). É o livro dos bons conselhos ou a instrução útil, escrito em prosa e verso de maneira extremamente simples para ser destinado especialmente aos jovens príncipes. Pelos dados colhidos pelo pesquisador Adriano Mafrá⁹, é provável que o monarca tenha traduzido os dois primeiros livros do *Hitopadeśa*, dividido originalmente em 4 seções. No Museu Imperial de Petrópolis (RJ), há um total de 8 histórias distribuídas em 39 páginas (fólios) disponíveis em cópia digital.

Faz parte também do contexto das literaturas orientais a tradução direta do original árabe do livro *d'As Mil e uma Noites*. Na pesquisa realizada na dissertação de mestrado intitulada *A gênese de um processo tradutório: as Mil e uma noites de D. Pedro II*¹⁰, revelou-se que há um total de 84 noites traduzidas. Os trabalhos se iniciam na 36ª e terminam na 120ª noite. O primeiro caderno, com data de 21 de janeiro de 1890, em Cannes na França, contém da 36ª a 69ª noite. O segundo caderno inicia-se em 10 de julho de 1890, também em Cannes, contém o final da noite 69ª e termina na 120ª noite. A última data assinalada pelo tradutor é 9 de novembro de 1891 em Paris, o que indica que o tradutor não teria terminado a tradução, visto que falece em 5 de dezembro de 1891, ou seja, poucos dias depois. Além de Cannes, foram palco da tradução ainda as cidades de Baden, Paris e Vichy. Nas pesquisas de campo realizadas em 2008, 2010 e

⁷ Romanelli, S. *Entre línguas e culturas: as traduções de D. Pedro II*. Mutatis Mutandis, vol. 4, n. 2, 2011, pp. 191-204.

⁸ Núcleo de Estudos de Processos Criativos – Universidade Federal de Santa Catarina. CCE/DLLE/PGET.

⁹ O referido pesquisador investiga o processo criativo de D. Pedro II na tradução do segundo livro do *Hitopadeśa* em sua tese de doutoramento intitulada “Gênese do *Hitopadeśa*: a “instrução útil” na tradução de D. Pedro II”, realizada no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁰ Dissertação de Mestrado, Florianópolis: PGET-UFSC, 2010, de Rosane de Souza. *A gênese de um processo tradutório: as Mil e uma noites de Dom Pedro II*.

2011, não se localizou a primeira parte do texto, que segundo apontamentos do diário de D. Pedro II, iniciaram quando ele residia ainda no Brasil:

[...] Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos *Lusíadas* em alemão com o original e de continuar a traduzir as *Mil e uma Noites* no original com o Seibold" [...] (*Diário do Imperador*, 12 de julho de 1887 [3a fa.]).

Há indícios de que essa primeira parte possa estar em arquivos particulares, pois o tradutor tinha por hábito emprestar ou dar de presente suas traduções. No diário ele escreve em 27 de novembro de 1890 (5a fa.), que emprestara a primeira parte de suas traduções das *Mil e Uma Noites* para a família Mota Maia para ser submetida à apreciação destes amigos, como segue:

Li a minha tradução do árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também [...]¹¹.

Um dos dados apurados na dissertação refere-se à confirmação da autenticidade das afirmações do monarca de que teria realizado uma tradução direta do árabe. Como se verificou na pesquisa o texto fonte utilizado por ele foi a edição de Breslau. Essa descoberta está pautada em alguns dados significativos. Cita-se como exemplo a presença das palavras "muladjlidij, de ladjladja" na 46ª noite, transcritas pelo tradutor e que se encontram justamente no manuscrito de Breslau. Segundo Jarouche, só é possível encontrar tais palavras nesse manuscrito. Outro dado que comprova essa afirmação é que no final da 72ª noite, em 19 de julho de 1890, D. Pedro II escreve: "Acaba o volume primeiro da edição de Abicht", e repete seis vezes a palavra acaba. Como já mencionado, a edição de Breslau foi compilada por Maximilian Habicht, o que nos faz considerar que D. Pedro II tenha suprimido a letra "h" inicial do nome. Há ainda a carta que D. Pedro escreve ao conde de Gobineau, em junho de 1876:

[...] O meu mestre de árabe, o Ministro da Áustria, partiu de férias, mas procurarei não perder o que já aprendi. Conheço algumas fábulas de Loqman, publicadas numa cressomacia. Traduzo os contos das *Mil e uma Noites*, que possuo na edição de Habicht. Meu dicionário é o Freitag, e a gramática onde aprendi a de Flaize [...] (LYRA, 1977, tomo II, p. 104).

Quanto à análise macroestrutural, pode-se dizer que a tradução de D. Pedro II apresenta as características que marcam o livro árabe, sendo que ele optou por manter os ambientes das noites com suas características originais; manteve o uso do verbo "dissendi"; a grande quantidade de versos; não omitiu a fraseologia religiosa e manteve trechos considerados "obscenos" a partir da ótica ocidental. Optou ainda por manter a

¹¹ *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1891* (Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999).

divisão da narrativa em noites, não alterou os trechos que apresentam repetições, realizando uma tradução de cunho literal, embora em certos trechos sua linguagem não fique próxima da estrutura da língua portuguesa.

Como pode se verificar acima, o monarca buscou não só incentivar a produção da literária brasileira, mas também, por meio das traduções, enriquecer o seu próprio conhecimento para auxiliar na formação de uma literatura nacional, como se comprova em sua afirmação:

Veremos como poderei restabelecer continuando meus trabalhos literários. A tradução da maior parte é que mais sinto porque irá atrasar a publicação da tradução da Bíblia do hebraico por brasileiro, não a havendo de português. Dê-me Deus saúde e hei de provar que posso fazer nas letras e nas ciências o que possa falar do meu Brasil. Agora sinto-me capaz disso, pois deram-me tempo que aproveitarei para minha pátria que jamais deslembro¹².

Essa forma escolhida por D. Pedro de traduzir para ampliar e de certa forma enriquecer a literatura nacional foi seguida por muitos desses românticos brasileiros, que traduziram obras nas mais variadas línguas. Com Gonçalves Dias temos traduções de Heine, Uhland, Rosegarten, Schiller (*A Noiva de Messina*), Hugo; com Gonçalves de Magalhães, traduções de Lamartine; com Castro Alves, de Hugo, Byron, Losano, Lamartine; com Fagundes Varela, de Byron; com Machado de Assis, traduções de Edgar Allan Poe, Lamartine, Dumas Filho, Schiller (tradução indireta) e a *Lira Chinesa* (t. indireta). Essas obras, conforme se constata em pesquisas¹³, de alguma forma colaboraram na produção intelectual destes autores. E como afirma Peter Burke, “todos os grandes intercâmbios culturais na História envolveram tradução” (2009, p. 7).

Essa atividade intelectual foi central para os grandes movimentos culturais da Europa moderna, como o Renascimento com traduções dos clássicos; a Reforma, com traduções de Lutero, Erasmo e outros; a Revolução Científica, com traduções de Galileu e Newton; e o Iluminismo, com textos traduzidos de Montesquieu e Locke (BURKE, 2009). O status das línguas também se elevou com as traduções, sobretudo da Bíblia e dos clássicos, e as enriqueceu devido à criação de neologismos por parte dos tradutores que não encontravam termos apropriados para verter o vocabulário religioso, por exemplo, ou clássicos, como os termos *Oligarchia* e *democratia* de Aristóteles.

Na Alemanha romântica do século XIX a atividade tradutória foi utilizada para constituir o capital literário e cultural que lhes faltava. Segundo Casanova (2002), o recurso ao patrimônio grego e romano permitiu aos alemães tomar um caminho mais curto para incorporar e nacionalizar uma “gigantesca jazida” de riqueza potencial. Goethe afirmava: “De maneira completamente independente de nossas próprias produções, já atingimos, graças à plena apropriação do que nos é estrangeiro, um grau de cultura muito elevado” (CASANOVA, 2002, p. 288).

Seguindo talvez esse pensamento europeu de captação de técnicas externas para aperfeiçoamento de suas próprias habilidades, D. Pedro II entrou no universo da

¹² *Diário do Imperador*, 11 de janeiro de 1890 (sábado). Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

¹³ BARRETO, Eleonora Frenkel. *O Original na tradução de Machado de Assis*. Cf journal.ufsc.br/index.php/scientia/article/download/12954/12079 – visitado em 26/05/2012.

tradução, com o intuito de aprimorar a literatura nacional de um país que estava emergindo.

4. Considerações finais

O objetivo primeiro do presente artigo era discutir sobre o importante papel do imperador na formação e consolidação de uma literatura nacional. Dessa forma, buscou-se apresentar a ligação do imperador com os intelectuais do período, sobretudo os românticos. Vimos que o mecenato de D. Pedro auxiliou não só a produção de livros, mas trouxe pesquisadores das mais variadas áreas para contribuir com o desenvolvimento do país. O imperador buscou ainda desenvolver sua própria capacidade intelectual para, desta forma, auxiliar na construção de uma cultura nacional. Uma das formas escolhidas para desenvolver sua intelectualidade foi a prática da tradução, atividade que ocupou longos anos da vida do monarca. O imperador traduziu várias obras das mais variadas línguas. Autores como Victor Hugo, Heine, Manzoni, Longfellow, Whittier figuravam em sua lista de traduções. Foi o pioneiro na tradução de textos como as *Mil e uma noites*, *Araucana*, *Hitopadeça*. Assim como ele, nossos homens de letras também se inseriram nessa atividade que, como afirma Burke (2009), contribuiu para os intercâmbios culturais das nações, e certamente esteve relacionada ao desenvolvimento da nossa literatura e de nossos literatos.

Referências bibliográficas

- BESOUCHET, L. *Pedro II e o Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BURKE, P. e PO-CHIA HSIA, R. (org.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte/ Ed. Itatiaia/ São Paulo/Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- CARVALHO, J. M. D. *Pedro II: ser ou não ser*. Coord. Elio Gaspari e Lilia M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação da Liberdade, 2002.
- HOLANDA, S. B. *Capítulos sobre História do Império*. Org. Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- JAROUCHE, M. M. *Livro das Mil e uma Noites: ramo sírio*. 2 ed. São Paulo: Globo, vols. I e II, 2006.
- LYRA, H. *História de D. Pedro II: 1825-1891*. São Paulo/Belo Horizonte: Ed. USP/ Ed. Itatiaia, 1977, vols. I, II e III.
- _____. *História de D. Pedro II: 1825-1891. Vol. I: Ascensão. 1825-1870*. São Paulo: Ed.

Nacional, 1938.

RAEDERS, G. D. *Pedro II e o Conde de Gobineau*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *D. Pedro II e os sábios Franceses*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 1944.

SCHWARCZ, L. M. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Rosane de. *A gênese de um processo tradutório: As Mil e uma noites de Dom Pedro II*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: PGET-UFSC, 2010, 136p.

TAUNAY, A. E. *O Grande Imperador*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1932.

TEIXEIRA, M. *O Imperador Visto de Perto*. Rio de Janeiro: Ed. Leite Ribeiro & Maurillo, 1917.

Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis

DIÁRIO DO Imperador D. Pedro II, 1840-1891. Organização de Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999).

Manuscritos originais da tradução das *Mil e uma Noites* de D. Pedro II.